

Quantidade. Há 21 milhões de pessoas com mais de 60 anos

País envelhece, mas não sabe o que fazer com os idosos

Déficit cresce e quanto mais se trabalha, menos há perspectivas de aposentadoria digna

RIO

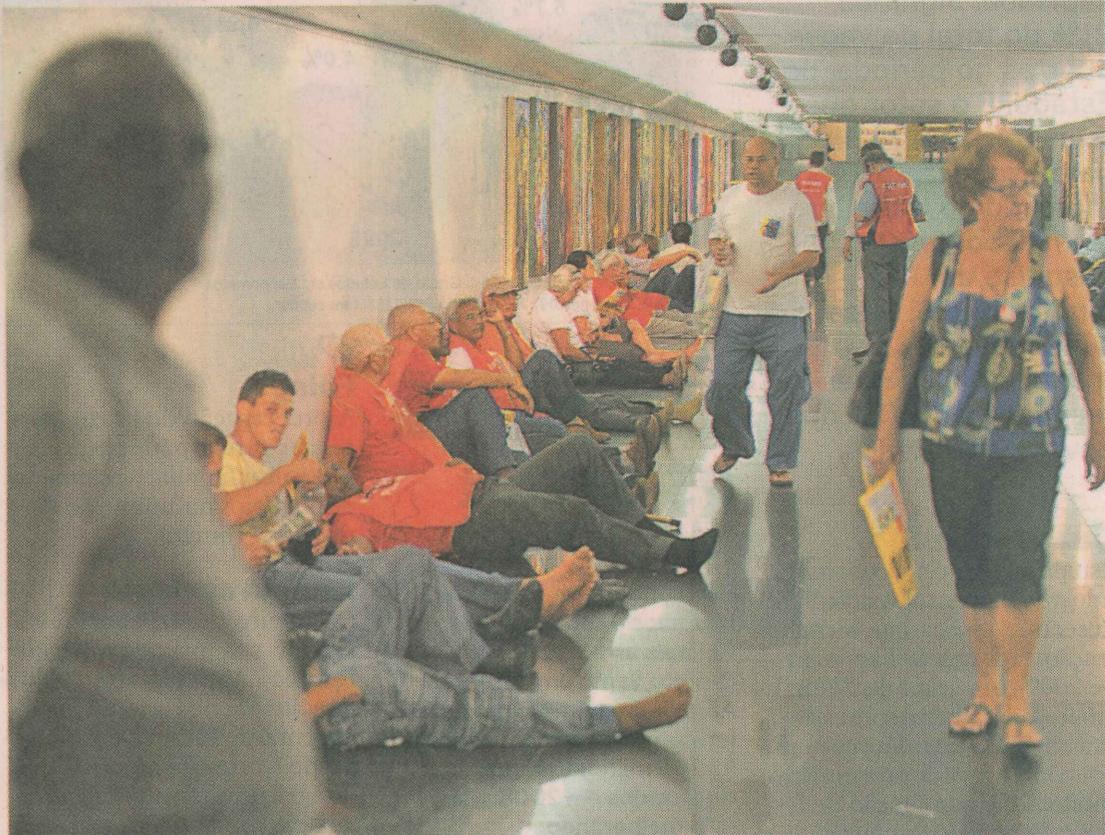
■ O Brasil está envelhecendo. Tem 21 milhões de pessoas com mais de 60 anos que movimentam R\$ 255,6 bilhões por ano – 68,1% deste total são benefícios de aposentadoria, pensão por morte e assistência social, nas contas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Números como esses reafirmam a importância de se discutir o impacto da nova pirâmide populacional brasileira na economia do país.

O Brasil gasta só na Previdência Social 14% do Produto Interno Bruto (PIB, conjunto de bens e serviços do país), e os dados oficiais registram déficit de R\$ 41,9 bilhões.

Na última década, a proporção de idosos passou de 8,8% para 11,1% do total da população, numa expansão mais rápida do que em muitos países europeus. O envelhecimento populacional é resultado de conquistas do passado, como queda na mortalidade infantil e avanços na saúde.

Some-se a isso a redução na taxa de fecundidade brasileira que possivelmente fará com que, a partir de 2030, a população comece a encolher. Em paralelo, o total de idosos começaria a ultrapassar o de jovens de 15 a 29 anos, prevê a pesquisadora Ana Amélia Camarano, do Ipea. Atualmente, a população apta a ingressar no mercado de trabalho atinge o ápice, com 34 milhões entre 15 a 24 anos.

“O Brasil desfruta de uma das maiores conquistas sociais da segunda metade do século XX, verificada em qua-



LUTA. Aposentados na Câmara brigam por salário melhor, mas governo não cede

se todo o mundo: a redução da mortalidade em todas as idades. Isso resultou no aumento da esperança de vida, em que mais e mais pessoas atingem idades avançadas. Uma das certezas que se pode vislumbrar para o futuro próximo é o crescimento a taxas elevadas de idosos vivendo mais tempo. Embora a conquista mereça ser comemorada, o envelhecimento aumenta a despesa previdenciária”, explicou a especialista do Ipea.

Não há consenso sobre a saída para o déficit previdenciário, disse Ana Amélia. Para ela, as soluções poderiam passar, por exemplo, por um sistema de contribuição sazonal, que traria autônomos e informais para a Previdência, aposentadorias

parciais e manter por mais tempo o trabalhador na ativa. Mas, acrescenta Vinicius Pinheiro, especialista sênior para a América Latina da Organização Internacional do Trabalho (OIT), já houve avanços na discussão brasileira, como a inclusão da expectativa de vida no cálculo previdenciário:

“O Brasil envelheceu mais rapidamente nos últimos 30 anos do que a Inglaterra nos últimos 100. É claro que isso vai significar uma pressão sobre as contas da Previdência, principalmente porque não existe no Brasil uma idade mínima para receber a contribuição”, disse Pinheiro, para quem relações de trabalho mais flexíveis esticariam o tempo do trabalhador na ativa, como o trabalho em casa, alterna-

tiva bastante comum na Europa que tem sido uma opção para os mais velhos.

O Brasil acompanha a tendência mundial de envelhecimento. Nas contas da Organização Mundial de Saúde (OMS), em 2000, havia 600 milhões de idosos no planeta.

As previsões apontam que eles serão 1,2 bilhão em 2025. E atingirão dois bilhões em 2050. Já a população mundial deve saltar, nesses 50 anos, de seis bilhões para nove bilhões, 50% de aumento. Segundo Alexandre Kalache, ex-diretor de programas de envelhecimento da instituição, será nos países em desenvolvimento que este aumento será mais enfático: dos 400 milhões em 2000 para 1,7 bilhão em 2050. (Agência O Globo)

AE